

# Entre raízes e relações: notas sobre saúde ecossistêmica como resistência no Quilombo Mesquita

**Francisco Octávio Bittencourt de Sousa<sup>1</sup>**  
Universidade de Brasília

**Resumo:** Este artigo aborda a aplicação da abordagem ecossistêmica para analisar a interação entre saúde e ambiente em níveis microssociais, com foco nos territórios quilombolas. Examina-se como a construção desses territórios é um processo coletivo influenciado por saberes tradicionais, destacando a importância vital do território para a reprodução física, social, econômica e cultural. As práticas de cuidados com a saúde e o meio ambiente são exploradas como elementos cruciais dessas territorialidades, enraizadas em cosmologias e valores que desafiam a lógica de ocupação e uso hegemônica. O percurso metodológico, vinculado a um projeto de pesquisa participativa em uma Residência Multiprofissional, é contextualizado, destacando a experiência prática no Quilombo Mesquita. Este estudo contribui para entender a relação entre as territorialidades quilombolas e a saúde ecossistêmica.

**Palavras-chave:** ancestralidade; território quilombola; saúde ecossistêmica.

Sousa, Francisco Octávio Bittencourt de. **Entre raízes e relações: notas sobre saúde ecossistêmica como resistência no Quilombo Mesquita.** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 12 (28): 537-550, janeiro a abril de 2025. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> Doutorando e mestre em Desenvolvimento Sustentável pela UnB, especialista em Ciência, Tecnologia e Sociedade, bacharel em Antropologia e licenciado em Ciências Sociais. Autor do livro *Se o grileiro vem, pedra vai* (2022) e coapresentador do podcast homônimo. Menção honrosa no X Prêmio de Direitos Humanos da Reunião Brasileira de Antropologia e premiado em segundo lugar no Prêmio Martin Novión de Melhor Dissertação de Graduação em Antropologia pela UnB. Pesquisador vinculado à Ação Social Franciscana.

## Between roots and relationships: Notes on Ecosystemic Health as Resistance in Quilombo Mesquita

**Abstract:** This article explores the application of the ecosystemic approach to analyze the interaction between health and the environment at microsocial levels, focusing on quilombola territories. It examines how the construction of these territories is a collective process influenced by knowledge, emphasizing the vital importance of the territory for physical, social, economic, and cultural reproduction. Practices of healthcare and environmental care are explored as crucial elements of these territorialities, rooted in challenging cosmologies and values. The methodological journey, linked to a participatory research project in Multiprofessional Residency, is contextualized, highlighting the practical experience in Quilombo Mesquita. This study contributes to understanding the relationship between quilombola territorialities and ecosystemic health.

**Keywords:** ancestry; quilombola territory; ecosystemic health.

## Entre raízes y relaciones: notas sobre salud ecosistémica como resistencia en el Quilombo Mesquita

**Resumen:** Este artículo aborda la aplicación del enfoque ecosistémico para analizar la interacción entre salud y ambiente a niveles microsociales, con enfoque en los territorios quilombolas. Se examina cómo la construcción de estos territorios es un proceso colectivo influenciado por saberes, destacando la importancia vital del territorio para la reproducción física, social, económica y cultural. Se exploran las prácticas de cuidado de la salud y el medio ambiente como elementos cruciales de estas territorialidades, enraizadas en cosmologías y valores desafiantes. Se contextualiza el recorrido metodológico, vinculado a un proyecto de investigación participativa en una Residencia Multiprofesional, destacando la experiencia práctica en el Quilombo Mesquita. Este estudio contribuye a comprender la relación entre las territorialidades quilombolas y la salud ecosistémica.

**Palabras clave:** ancestralidad; territorio quilombola; salud ecosistémica.

A relação entre territorialidade, entendida como jeito diverso de apropriação do ambiente geográfico em que vivem, caracterizado, principalmente, pela propriedade comum das terras (LITTLE, 2002; O'DWYER, 2002), e saúde ecossistêmica, que tenta integrar a compreensão da saúde humana à saúde da natureza (GOMEZ e MINAYO, 2006), no Quilombo Mesquita é o foco deste estudo, que se insere em um projeto de pesquisa participativa desenvolvido no âmbito de um curso de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Este curso multidisciplinar incentivou a criação de Microprojetos e Programas de Ação Local (MPAL), buscando implementar modelos próprios de assessoria sociotécnica e tecnológica inspirados nas experiências de lideranças comunitárias e movimentos sociais. No contexto do Quilombo Mesquita, minha participação envolveu a condução de uma pesquisa sobre litígios fundiários e ambientais, além de facilitar oficinas de gestão territorial e ambiental e prestar assistência jurídica em colaboração com líderes locais e advogados. Durante quatro meses, a imersão na comunidade permitiu uma compreensão aprofundada das dinâmicas locais e das interações entre saberes tradicionais e práticas de cuidado em saúde.

Segundo Karácsonyi e Taylor (2021), o paradigma hegemônico de desenvolvimento, caracterizado por desastres internalizados na estruturação e funcionamento da sociedade, incluindo as falhas nas políticas públicas, a injustiça e a exclusão social, e baseado em uma visão antropocêntrica e predatória dos recursos naturais, acarreta graves consequências para a humanidade. Isso se reflete no agravamento das desigualdades sociais e na degradação insustentável dos recursos naturais, impactando diretamente a saúde humana e ambiental (CUNHA *et al.*, 2021). Diante da complexidade das interações entre seres humanos, sociedade e meio ambiente, a ciência enfrenta o desafio de propor perspectivas epistemológicas e metodológicas para compreender os fenômenos relacionados à interação saúde e ambiente (LACERDA e MENDES, 2018).

Na década de 1970, a interação entre saúde e meio ambiente ganhou destaque na Conferência de Estocolmo, onde a concepção de meio ambiente foi ampliada para incluir dimensões natural, social e biológica como determinantes cruciais para a qualidade de vida e saúde. A Eco 92 reforçou essa integração na Agenda 21, propondo um novo paradigma econômico e civilizatório que reconhece a conexão intrínseca entre saúde e desenvolvimento (BURSZTYN e PERSEGONA, 2008). O enfoque ecossistêmico foi consolidado em conferências subsequentes, destacando os cuidados primários de saúde e legitimando práticas tradicionais. A I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, em Ottawa (1986), foi crucial ao reconhecer a influência de fatores culturais, sociais, políticos e ambientais sobre a saúde, representando um marco importante nesse campo (LACERDA e MENDES, 2018).

A abordagem ecossistêmica destaca-se como uma perspectiva teórico-prática para compreender as interações entre saúde e ambiente nos níveis microsociais

(GOMEZ e MINAYO, 2006). Ela integra reflexões sobre saúde e ambiente, mediadas pela análise das condições, situações e estilos de vida de grupos populacionais específicos (MACHADO *et al.*, 2012). A natureza relacional e transdisciplinar da abordagem ecossistêmica da saúde visa construir conexões que articulam as dimensões da gestão integral do meio ambiente natural, oferecendo uma visão ampliada da saúde humana. Essa abordagem adota uma perspectiva holística e ecológica para a promoção da saúde humana (LACERDA e MENDES, 2018).

Para superar o paradigma hegemônico descrito por Karácsonyi e Taylor (2021), incapaz de promover relações e ambientes saudáveis, é crucial abrir espaço para o diálogo entre as ciências e os saberes "tradicionais", populares e locais, propiciando espaço para o que Mignolo (2003) chama de "pensamento liminar", uma forma de pensar a partir das fronteiras e entrelugares, desafiando as dicotomias e hierarquias impostas pelo pensamento colonial. Ele defende que esse pensamento permite questionar as categorias hegemônicas, oferecendo novas perspectivas para compreender o mundo e construir projetos de descolonização.

A partir de Mignolo (2003), é possível pensar uma abordagem ecossistêmica em saúde adotando essa nova ordem dialógica, buscando desenvolver conhecimentos e práticas na relação entre saúde e ambiente em contextos reais. Isso permite ações apropriadas e saudáveis para as comunidades locais, integrando ciência e vida cotidiana na construção da qualidade de vida por meio de uma gestão mais eficaz do ecossistema e da responsabilidade individual e coletiva sobre a saúde (LACERDA e MENDES, 2018).

Segundo Little (2002), povos e comunidades tradicionais detêm cosmologias, saberes e práticas que estabelecem relações menos destrutivas com o ambiente, fundamentadas na vida em comunidade, nas relações sociais e na interação equilibrada com os recursos naturais (CUNHA *et al.*, 2021). Essa consciência coletiva é essencial para compreender as relações entre saúde e ambiente para além da lógica do risco, ou seja, aquela que entende o ambiente apenas como gerador de riscos aos que dele desfrutam (LACERDA e MENDES, 2018).

No contexto dos estudos territoriais (LITTLE, 2002; O'DWYER, 2002; ALMEIDA, 2006; DIEGUES, 2008; SANTOS, 2015), é fundamental destacar a abordagem que enfoca o dinamismo do território, priorizando questões práticas. O território, além de uma composição de sistemas naturais, representa um espaço utilizado que incorpora o solo e a identidade, sendo o local de residência, trabalho, trocas materiais e espirituais, assim como o exercício da vida. A territorialidade refere-se à maneira como um grupo social se apropria e vivencia o território, conferindo-lhe uma dimensão multidimensional percebida pelos membros da coletividade (LITTLE, 2002; O'DWYER, 2002). Esse processo dinâmico e flexível contribui para a construção de uma identidade territorial, refletindo experiências cotidianas, incluindo relações de trabalho, familiares, dimensão política, interações econômicas e culturais, organização espacial e o significado atribuído ao lugar (LACERDA e MENDES, 2018).

Ao discutir territórios quilombolas e a interação entre saúde e ambiente, percebe-se que a construção do território e das identidades são processos coletivos, recíprocos, influenciados por saberes e conhecimentos, registrados na memória individual e coletiva. As comunidades quilombolas têm no território a base essencial para a reprodução física, social, econômica e cultural. A territorialidade desses grupos está intrinsecamente ligada à dimensão simbólica da identidade e à profunda conexão que mantêm com seu território (O'DWYER, 2002). Dentro

dessa perspectiva, as práticas de cuidados com a saúde e o meio ambiente constituem elementos fundamentais das territorialidades quilombolas, influenciadas por cosmologias e valores próprios. Os diversos valores presentes nessas comunidades, especialmente a busca por uma relação mais equilibrada entre os membros e o ambiente, desempenham um papel crucial na sobrevivência física e cultural desses povos (LACERDA e MENDES, 2018). É sobre esses preceitos que este trabalho foi construído.

### Quilombo Mesquita

Este estudo visa analisar como as territorialidades, enraizadas nos saberes e práticas tradicionais de cuidado em saúde, se relacionam com a saúde ecossistêmica no Quilombo Mesquita. O percurso metodológico deste artigo está intrinsecamente ligado a um projeto de pesquisa participativa desenvolvido no âmbito do curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Residência Multiprofissional em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Este curso abrangeu diversas temáticas interdisciplinares, como Habitat, Agroecologia, Saúde e Trabalho Associado, e teve como objetivo central fomentar a criação de Microprojetos e Programas de Ação Local (MPAL). Inspirados nas experiências de lideranças comunitárias e movimentos sociais, esses projetos visavam implementar modelos próprios de assessoria sociotécnica e tecnológica.

Minha participação neste contexto ocorreu no grupo do Quilombo Mesquita, onde fui demandado por lideranças locais para conduzir uma pesquisa sobre litígios fundiários e ambientais. A partir de março de 2023, passei quatro meses vivendo na comunidade, realizando pesquisas, facilitando oficinas de gestão territorial e ambiental, além de prestar assistência jurídica em parceria com líderes locais e advogados. Durante esse período, foram feitas denúncias de crimes como loteamento irregular e desmatamento ilegal, que estão atualmente em fase de investigação. O processo de pesquisa foi documentado em sete relatórios e um diário de campo, todos compartilhados com a comunidade, conforme quadro-resumo abaixo. Agradeço à generosidade dos interlocutores, que transformaram essas vivências em momentos de reflexão sobre os pressupostos e desafios da pesquisa.

Tabela 01 – Quadro resumo do percurso metodológico

FASE	DESCRIÇÃO
Contextualização	Participação no curso de Pós-Graduação Lato Sensu em CTS, com foco em Habitat, Agroecologia, Saúde e Trabalho Associado. Incentivo à criação de Microprojetos e Programas de Ação Local (MPAL).
Seleção do Território	Escolha do Quilombo Mesquita como foco da pesquisa, demandado por lideranças locais para investigar litígios fundiários e ambientais.
Imersão na Comunidade	Mudança para o quilombo em março de 2023. Quatro meses de convivência com a comunidade, realizando pesquisas, oficinas de gestão territorial e ambiental, e assistência jurídica.
Ciclo de Oficinas	Realização de oficinas com a comunidade, abordando temas de gestão territorial e ambiental, proporcionando momentos de aprendizado e troca de conhecimentos.



<i>Mapeamento de conflitos</i>	Atuação na assistência jurídica em parceria com líderes locais e advogados. Registro e denúncias de crimes como loteamento irregular e desmatamento ilegal, atualmente em investigação.
<i>Documentação do Processo</i>	Elaboração de sete relatórios e um diário de campo documentando todo o processo de pesquisa e interação com a comunidade.
<i>Compartilhamento com a Comunidade</i>	Compartilhamento dos documentos produzidos com a comunidade, promovendo momentos de reflexão sobre os pressupostos e desafios da pesquisa.
<i>Resultados</i>	Atualmente, as denúncias estão em fase de investigação, representando uma etapa subsequente ao trabalho de campo e pesquisa participativa.

O Quilombo Mesquita, com 278 anos de história, é uma comunidade rural a cerca de 50 km de Brasília. Surgido da doação de terras por José Correia Mesquita a três mulheres escravizadas, a comunidade se organiza em quatro principais troncos familiares: Pereira Braga, Pereira Dutra, Teixeira Magalhães e Lisboa da Costa. A organização comunitária dispensava cercas, permitindo que novas famílias escolhessem seu pedaço de terra ao se integrarem. O padrão de ocupação, orientado pelos troncos familiares principais, foi documentado pelo INCRA, identificando 84 núcleos familiares. Antes de Brasília, a vida da comunidade era centrada em atividades agrícolas, como a criação de gado e a produção de marmelada, vendida em Luziânia (AGUIAR, 2015). As celebrações religiosas marcavam o calendário, mas a inauguração da capital em 1960 trouxe mudanças à rotina comunitária. Anteriormente, terras abandonadas podiam ser ocupadas por novos núcleos familiares, concedendo direito de posse por meio do trabalho. No entanto, a chegada de estranhos à região levou à perda de muitas terras da comunidade. A especulação fundiária, imobiliária e agrária, impulsionada pela abertura de vias para transporte de produtos, resultou na comercialização de terras pelos quilombolas (AGUIAR, 2018; PAULINO, 2023).

A construção da Cidade Ocidental intensificou os conflitos, com grandes empresas, o município e moradores do Distrito Federal assediando a comunidade. Em 2006, o Quilombo Mesquita foi reconhecido pela Fundação Cultural Palmares (FCP), e em 2011, o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) foi publicado, gerando conflitos no território<sup>2</sup>. Em 2015, o RTID foi concluído, mas a área delimitada pelo INCRA representa apenas cerca de 1/10 das terras originais do quilombo. O relatório revela que a maior parte do território delimitado está ocupada por não-quilombolas, enquanto os quilombolas estão concentrados em uma porção central, que não fornece garantias para a reprodução física e cultural da comunidade (AGUIAR, 2015; PAULINO, 2023).

<sup>2</sup> A regularização fundiária de territórios quilombolas é um processo complexo e essencial para garantir o direito à terra previsto na Constituição Federal de 1988. Esse processo envolve a identificação, demarcação e titulação das terras tradicionalmente ocupadas pelos quilombolas. No entanto, esse processo frequentemente gera conflitos. A disputa por terras férteis, a pressão de grandes empresas e latifundiários, a falta de conhecimento sobre os direitos quilombolas e a demora no processo de titulação são alguns dos principais fatores que desencadeiam esses conflitos. Além disso, a ausência de políticas públicas eficazes para a proteção dos territórios quilombolas e a falta de diálogo entre as comunidades e os diferentes atores envolvidos contribuem para intensificar as tensões e gerar insegurança para os quilombolas.

**Tabela 02** – Quadro resumo do Quilombo Mesquita

ASPECTOS PRINCIPAIS	DETALHES
<i>Localização</i>	Comunidade rural a cerca de 50 km de Brasília, com 278 anos de existência.
<i>Origem</i>	Surgiu da doação de terras por José Correia Mesquita a três mulheres escravizadas.
<i>Organização Familiar</i>	Quatro principais troncos familiares: Pereira Braga, Pereira Dutra, Teixeira Magalhães e Lisboa da Costa.
<i>Ocupação Tradicional</i>	Padrão documentado pelo INCRA com 84 núcleos familiares, refletindo a tradição da comunidade.
<i>Mudanças com a Inauguração de Brasília</i>	Introdução de novas regras sociais e perda de terras devido à chegada de estranhos.
<i>Especulação Fundiária e Comercialização de Terras</i>	Impulsionadas pela abertura de vias para transporte de produtos.
<i>Construção de Cidade Ocidental e conflitos</i>	Assédio por grandes empresas, município e moradores do Distrito Federal.
<i>Reconhecimento e publicação do RTID</i>	Em 2006, reconhecimento pela FCP, e em 2011, publicação do RTID gerando conflitos.
<i>Conclusão do RTID</i>	Em 2015, conclusão, mas a área delimitada representa apenas 1/10 das terras originais.
<i>Distribuição atual no território</i>	Maior parte ocupada por não-quilombolas; quilombolas concentrados em área central.
<i>Considerações sobre sustentabilidade</i>	Concentração em área específica considerada insustentável do ponto de vista físico e social.

## Alguns resultados

Durante o ciclo de oficinas, uma das atividades centrais era a construção de conceitos próprios da comunidade do Quilombo Mesquita, onde são compartilhadas visões sobre temas como ancestralidade e território, revelando uma rica tapeçaria de identidade cultural e resistência. A ancestralidade quilombola em Mesquita emergiu como uma força vital enraizada na coletividade, destacando laços familiares e a transmissão de conhecimentos entre gerações. Essa ancestralidade representa resistência diante das adversidades históricas, fortalecendo a identidade da comunidade e impulsionando a luta pela preservação da cultura e do território. O parentesco, a raça/etnia e a descendência africana são elementos fundamentais, conectando a comunidade aos antepassados que moldaram sua trajetória. Os ancestrais, venerados e respeitados, são fontes de inspiração e referências culturais, e a memória, valorizada e preservada, reflete-se na árvore genealógica, visualizando conexões familiares e ancestrais, que – por questão de segurança – não será exibida aqui.

No Território Quilombola TQ Mesquita, o conceito de quilombo transcende uma mera definição geográfica. Segundo os próprios interlocutores, território é um espaço sagrado que preserva tradições, cultura e modo de vida. A preservação da cultura quilombola envolve a defesa do território, luta pela posse, proteção contra invasões e busca pela autonomia e sustentabilidade. Para a comunidade, o território é o alicerce onde a vida e a resistência se fundamentam, exigindo cuidado, preservação e fortalecimento. A gestão territorial é uma responsabilidade coletiva que envolve decisões sobre o uso sustentável dos recursos naturais e o bem-estar da comunidade. Solidariedade e apoio mútuo são pilares fundamentais, reforçando laços de pertencimento e colaboração. Os saberes ancestrais são valorizados, e o território é o alicerce que sustenta a vida e a resistência da comunidade. A agricultura tem um papel central na subsistência e na biointegração, ou seja, na capacidade de extrair, utilizar e renovar os recursos em uma relação comunitária, onde cultivar, coletar e compartilhar estão profundamente conectados com a terra e a natureza (SANTOS, 2015).

Em síntese, a ancestralidade e o território do Quilombo Mesquita representam um legado de lutas, conquistas e saberes. São pilares na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e plural, e estão intrinsecamente ligados à conservação ambiental. O bem-estar no território nasce de uma relação respeitosa com os mais velhos, com as normas comunitárias e com a paisagem. A preservação desses elementos visa garantir direitos, reparação histórica e a continuidade dessa rica herança para as futuras gerações. A comunidade de Mesquita é um exemplo vivo de como a ancestralidade e o território fundamentam uma identidade resiliente e culturalmente rica.

Ainda durante o ciclo de oficinas, uma rodada de construção de conceitos explorou o termo "direito" junto aos participantes do Quilombo Mesquita. Para a comunidade, o direito é considerado fundamental para assegurar uma vida digna e justa. Ter direito implica o acesso a necessidades básicas, como o direito de viver, ter um território garantido, estudar e ter acesso a saúde e educação de qualidade. Essa perspectiva destaca o direito como um elemento intrínseco à vida, devendo ser garantido a todos. No contexto dos direitos quilombolas, existe uma especificidade, pois eles estão fundamentados na ancestralidade e na luta pela preservação da cultura e identidade quilombola. Isso inclui o acesso a políticas públicas, como cotas, lazer, praças, equipamentos sociais, hospitais, creches, esportes, postos de saúde e medicamentos. O direito quilombola abrange ainda o direito de trabalhar na terra, cultivar e produzir alimentos, além do direito à justiça, buscando reparação e igualdade.

Cada integrante do grupo teve a oportunidade de apresentar brevemente um eixo de direitos, abordando questões territoriais, habitacionais, culturais, de saúde, educação e agricultura. Esses temas refletem os desafios enfrentados pela comunidade, como a luta pelo reconhecimento e demarcação de suas terras ancestrais, as condições precárias de moradia, a preservação cultural, o acesso à saúde de qualidade, a educação igualitária e respeitosa à sua cultura, e o fortalecimento das práticas agrícolas tradicionais. Em colaboração com outros participantes da Universidade de Brasília (UnB), foram redigidos ofícios em diálogo com os direitos discutidos. Esses ofícios foram padronizados e unificados, resultando na criação de um manifesto que expressa as demandas e anseios da comunidade. O manifesto aborda questões urgentes relacionadas à gestão territorial e ambiental, educação, saúde e infraestrutura. Solicita a regularização fundiária do território, preservação ambiental, melhorias na qualidade do ensino, acesso a serviços de saúde adequados, sinalização e acesso ao quilombo, além de apoio na produção



agrícola. O documento reforça a importância do reconhecimento dos direitos das comunidades quilombolas e busca a intervenção das autoridades competentes para solucionar essas questões. O manifesto representa uma ferramenta eficaz na busca por melhorias concretas e na defesa dos direitos do Quilombo Mesquita.

Olhando especificamente para as questões relativas à saúde ecossistêmica, notou-se que há questões referentes à gestão territorial e ambiental, principalmente no que tange à gestão dos recursos hídricos, desvio do fluxo de água em mina d'água e gestão de resíduos sólidos no Território do Quilombo Mesquita. Além disso, membros da comunidade relataram dificuldades significativas no acesso a serviços de saúde adequados, como a falta de abastecimento de insumos e medicações na farmácia da Unidade Básica de Saúde Mesquita. Essa situação tem impactado negativamente a população local, prejudicando o atendimento e comprometendo a saúde e o bem-estar dos quilombolas.

**Tabela 03** – Quadro resumo de questões relativas à saúde ecossistêmica

TEMA / PROBLEMA	RESUMO DO PROBLEMA	SOLICITAÇÃO / AÇÃO REQUERIDA
<i>Desvio do Fluxo de Água no Rego Táboa</i>	Canalização da água historicamente utilizada por famílias quilombolas foi desviada.	Consulta pública sobre a canalização da água para buscar consenso.
<i>Construção de Poço Artesiano e Desvio de Água</i>	Construção não autorizada de poço artesiano na Fazenda Jacinto prejudicando volume de água da nascente.	Fiscalização e remoção de poços não quilombolas, restauração da área degradada.
<i>Desvio do Fluxo de Água em Mina D'água</i>	Desvio de água em mina d'água por ocupante não quilombola prejudicando famílias quilombolas.	Restauração da mina d'água, cercamento, identificação, reflorestamento, fiscalização adequada.
<i>Depósito de Resíduos e Poluição Ambiental</i>	Existência de lixão próximo ao território causando danos ambientais, odor desagradável e possível contaminação da água.	Fechamento do lixão e restauração da área degradada.
<i>Uso de Agrotóxicos Próximo às Casas</i>	Utilização frequente de agrotóxicos nas proximidades causando contaminação e impactando saúde e meio ambiente.	Controle ambiental efetivo nas áreas quilombolas para proteger a saúde e o ecossistema.
<i>Poluição das Águas e do Solo</i>	Contaminação de águas e solo por agrotóxicos afetando fontes de água utilizadas pela comunidade.	Medidas efetivas para combater a poluição e promover práticas agrícolas sustentáveis.
<i>Abastecimento de Insumos e Medicações</i>	Falta constante de insumos e medicações na UBS Mesquita impactando negativamente a comunidade.	Abastecimento suficiente de insumos e medicações para garantir atendimento adequado.
<i>Meio de Transporte para o Programa Saúde da Família</i>	Ausência de transporte para profissionais realizar visitas domiciliares prejudicando o acesso aos serviços de saúde.	Intervenção para fornecer meio de transporte para o programa Saúde da Família.
<i>Aumento do Corpo Médico e dos Profissionais de</i>	Insuficiência de médicos e profissionais de saúde resultando em longas esperas e	Aumento do corpo médico e dos demais profissionais de saúde para

Saúde	dificultando o acesso aos serviços.	atendimento mais ágil e eficiente.
<i>Estabelecimento de Consultório Odontológico</i>	Inexistência de consultório odontológico equipado no Quilombo Mesquita obrigando moradores a buscar atendimento distante.	Criação de consultório odontológico equipado para oferecer serviços essenciais à população local.
<i>Projeto de Lei sobre Direitos da Comunidade Quilombola à Saúde</i>	Proposta de projeto de lei enfocando direitos à saúde da comunidade quilombola, com ênfase em doenças que afetam a população negra.	Elaboração de projeto de lei destacando os direitos à saúde da comunidade quilombola.

Olhando em detalhe e a partir da experiência de campo, é possível concluir que a comunidade quilombola de Mesquita vive a interseção entre ancestralidade, território e o bem-estar humano e da natureza (ou saúde ecossistêmica) de maneira profunda e simbiótica. O quilombo, mais do que um espaço geográfico, é um local sagrado que abriga não apenas a história e a cultura, mas também a forma de viver e cuidar do ambiente. A ancestralidade orienta o entendimento de que a saúde vai além da ausência de doenças e depende de uma biointeração com a natureza e o território. Assim, os saberes tradicionais guiam práticas sustentáveis de manejo dos recursos naturais, integrando o bem-estar individual e coletivo com a preservação ambiental.

Para a comunidade de Mesquita, o bem-estar reflete a interdependência entre o cuidado do ambiente e o cuidado humano. Questões como a gestão dos recursos hídricos, o controle do uso de agrotóxicos e a preservação das nascentes são essenciais para a saúde da população e demonstram a importância de práticas que respeitem as normas comunitárias e o conhecimento ancestral. Por exemplo, o desvio não autorizado de fontes de água para fora do território quilombola impacta diretamente a saúde, uma vez que interfere nas atividades agrícolas e no abastecimento de água potável, elementos essenciais para a vida comunitária e para a subsistência.

Além disso, a saúde ecossistêmica é diretamente influenciada pela infraestrutura e pelo acesso a serviços de saúde. A falta de abastecimento de insumos e medicamentos na Unidade Básica de Saúde e a ausência de transporte para visitas domiciliares dificultam o acesso da população quilombola a cuidados essenciais. A comunidade de Mesquita enfrenta desafios significativos com a escassez de médicos e profissionais de saúde, o que torna o atendimento insuficiente. Esses problemas ilustram a necessidade de políticas públicas voltadas à saúde quilombola, que considerem as especificidades de um povo que vê na integração com a natureza e no respeito aos valores ancestrais a chave para a saúde e a sustentabilidade.

## Discussão

A área em análise compreende um território diversificado, apresentando desafios consideráveis no acesso a bens e serviços de saúde. A presença de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) é vital para o atendimento primário à comunidade, porém, fatores como a rotatividade de profissionais, infraestrutura precária e sensibilidade política influenciam a eficácia dessa unidade. Além da UBS, a atuação da Equipe de Saúde da Família e dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) desempenha papel crucial na promoção da saúde preventiva e identificação de

demandas específicas da comunidade, estabelecendo uma interação próxima com os moradores. A comunidade busca nos serviços de saúde não apenas assistência médica, mas também a preservação de práticas culturais e conhecimentos tradicionais de cuidados com a saúde. A integração eficaz entre serviços de saúde e a comunidade é essencial para superar barreiras culturais e garantir atendimento sensível às necessidades, promovendo a saúde de maneira holística. Destaca-se também a importância da medicina tradicional como componente vital na prestação de cuidados de saúde na comunidade, contribuindo para um sistema de saúde mais inclusivo e abrangente (ANDRADE, 2022; SILVA, 2019).

O diagnóstico revela complexos desafios enfrentados pela comunidade local. No âmbito socioeconômico, indicadores apontam condições de vulnerabilidade, incluindo acesso limitado a oportunidades educacionais, emprego e renda. A falta de infraestrutura básica, como saneamento e habitação adequada, contribui para a perpetuação dessas desigualdades. Ambientalmente, empreendimentos imobiliários pressionam a região, afetando o acesso a recursos naturais e contribuindo para a degradação ambiental. A presença de resíduos sólidos sem tratamento adequado configura um cenário desafiador para a qualidade ambiental. No contexto sanitário, problemas como falta de tratamento de esgoto, contaminação de mananciais e presença de fossas sépticas em condições de contaminação são observados. A gestão inadequada de resíduos sólidos, representada por um lixão na localidade, contribui para impactos ambientais adversos e intensifica vulnerabilidades socioeconômicas, comprometendo a saúde da população local. O abastecimento de água na comunidade, predominantemente proveniente de fontes naturais, enfrenta desafios relacionados à qualidade e disponibilidade. A pressão sobre essas fontes, devido ao aumento de empreendimentos imobiliários, destaca a necessidade de intervenções para garantir a segurança hídrica e a implementação de políticas sustentáveis de gestão dos recursos hídricos.

A análise da área revela uma abordagem abrangente de saúde ecossistêmica, onde a conexão entre fatores ambientais, sociais e de saúde é evidente. A interseção entre ancestralidade, quilombo e saúde ecossistêmica na comunidade quilombola de Mesquita não apenas ressalta a rica tapeçaria cultural e histórica, mas também está intrinsecamente conectada aos desafios de acesso a bens e serviços de saúde, bem como aos impactos socioeconômicos e ambientais enfrentados pela comunidade. Olhando pela perspectiva integral da saúde ecossistêmica, a preservação dos conhecimentos ancestrais não só desempenha um papel vital na promoção da saúde, mas também se torna uma fonte valiosa de resiliência diante das dificuldades de acesso aos serviços de saúde. A incorporação de práticas tradicionais de cuidados com o corpo e a natureza não apenas contribui para a saúde individual, mas também se alinha a uma abordagem ecossistêmica, promovendo a harmonia entre a comunidade e o ambiente circundante (ANDRADE, 2022; SILVA, 2019).

O território quilombola emerge como fonte de saúde integral para a comunidade. A gestão cuidadosa desse território, na luta pela posse e na busca pela autonomia e sustentabilidade, não apenas preserva as tradições culturais, mas também influencia diretamente a conservação da paisagem. A pressão de empreendimentos imobiliários sobre esse território, mencionada no contexto dos impactos ambientais, destaca a urgência de abordagens que equilibrem o desenvolvimento econômico com a preservação cultural e ambiental. Nesse sentido, a cultura de solidariedade e cooperação, além de fortalecer os laços sociais, contribui

para a resiliência coletiva da comunidade. Essa resiliência é importante não apenas para o bem-estar emocional e social, mas também para a saúde do ecossistema.

A prática de uma agricultura sustentável, como parte integrante do modo de vida quilombola, destaca-se como uma estratégia essencial para assegurar a subsistência e promover o uso responsável dos recursos naturais. Essa *biointeração* com a terra não só contribui para a saúde ecossistêmica, mas também responde aos desafios ambientais mencionados, como a gestão inadequada de resíduos sólidos e a necessidade de políticas sustentáveis de gestão dos recursos hídricos.

Em síntese, observar a conexão entre a tríade ancestralidade, território quilombola e saúde ecossistêmica oferece insights valiosos para enfrentar os desafios contemporâneos, como a dificuldade no acesso à saúde e os impactos socioeconômicos e ambientais. Esses elementos entrelaçados formam uma resposta holística que reconhece a interdependência entre a comunidade e o ecossistema, na busca por um futuro sustentável e saudável para Mesquita, se mostrando uma expressão prática do pensamento liminar que permite a construção de projetos alternativos aos modelos de desenvolvimento constituídos, ou seja, projetos de descolonização (MIGNOLO, 2003).

## Conclusão

A abertura das ciências ao diálogo com as comunidades quilombolas oferece insights valiosos sobre as relações entre saúde e ambiente, bem como estratégias para promover a saúde e preservar a vida (CUNHA *et al.*, 2021). Essas comunidades possuem conhecimentos ricos que colaboram com a saúde e conservação ambiental, enraizados na preservação de suas tradições. Uma nova visão integradora entre saúde e ambiente no Brasil deve começar pelo reconhecimento da cosmovisão desses grupos. A academia tem o papel de explorar e aprender com as práticas tradicionais vivenciadas pelas comunidades, superando as limitações de pensamento único diante da diversidade de desafios nas relações entre saúde e ambiente (LACERDA e MENDES, 2018).

A complexidade do cuidado em saúde e ambiente nas comunidades quilombolas está fundamentada em valores e práticas biointerativas, como bem sintetizou o intelectual quilombola Antônio Bispo (2015). Essas relações são dinâmicas, adaptando-se às mudanças e reeditando princípios ancestrais diante das novas demandas de conservação cultural e ambiental. Os princípios da abordagem ecossistêmica em saúde são vivenciados pelas comunidades quilombolas, refletindo a perspectiva enraizada na cosmologia e nos princípios afro-brasileiros. Essa visão das relações entre sociedade e natureza desempenha um papel central na conservação dos territórios, saberes e práticas quilombolas no Brasil, indo além da abordagem convencional de saúde pública.

Recebido em 18 de abril de 2024.  
Aprovado em 1 de novembro de 2024.

## Referências

AGUIAR, V. G. *Conflito territorial e ambiental no Quilombo Mesquita / Cidade Ocidental: racismo ambiental na fronteira DF e Goiás*. Goiânia: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, 2015.

AGUIAR, V. G. “Território em conflito: Quilombo Mesquita e os urbanos de Brasília e Cidade Ocidental”. In: COSTA, Carmem Lúcia (org.). *Gênero e diversidade na escola: espaço e diferença: abordagens geográficas da diferenciação étnica, racial e de gênero*. Goiânia: Gráfica UFG, 2018.

ALMEIDA, A. W. B. *Os quilombos e base de lançamento de foguetes de Alcântara*. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 2006.

ANDRADE, A. M. *et al.* Caracterização da saúde e saneamento de uma comunidade quilombola no entorno da capital do Brasil: um scoping review. *Saúde em Debate*, 46 (spe1): 233-44, 2022.

BURSZTYN, M.; PERSEGONA, M. *A grande transformação ambiental: uma cronologia da dialética homem-natureza*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

CUNHA, M. C. da *et al.* *Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças*. São Paulo: SBPC, 2021.

DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 2008.

GOMEZ, C. M.; MINAYO, M. C. de S. Enfoque ecossistêmico de saúde: uma estratégia transdisciplinar. *InterfacEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*, 1 (1): 1-19, 2006.

KARÁCSONYI, D.; TAYLOR, A. “Introduction: conceptualising the demography of disasters”. In: KARÁCSONYI, D.; TAYLOR, A.; BIRD, D. (eds.). *The demography of disasters: impacts for population and place*. S/l: Springer, 2021.

LACERDA, R. dos S.; MENDES, G. Territorialidades, saúde e ambiente: conexões, saberes e práticas quilombolas em Sergipe, Brasil. *Sustentabilidade em Debate*, 9 (1): 107-120, 2018.

LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. *Série Antropologia (UnB)*, 322: 1-32, 2002.

MACHADO, J. M. H. *et al.* Sustentabilidade, desenvolvimento e saúde: desafios contemporâneos. *Saúde em Debate*, 36 (esp.): 26-35, 2012.

MIGNOLO, W. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. São Paulo: Humanitas, 2003.

O'DWYER, E. C. (org.). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.



PAULINO, M. da S. *Afrorrruralidades e políticas territoriais: o bem viver e identidade do território do quilombo Mesquita como instrumentos de planejamento urbano regional*. Brasília: Universidade de Brasília, 2023.

SANTOS, A. B. *Colonização, quilombos. Modos e significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SILVA, M. T. G. da. *O ofício do raizeiro: saberes e práticas integrativas em comunidades tradicionais quilombolas Kalunga*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019.

VOLUME 12  
NÚMERO 30  
(SET./DEZ. 2025)

ACENO  
REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

## CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

## ENFOQUES CONTEMPORÂNEOS SOBRE OS ESTUDOS DO CUIDADO

PRAZO FINAL  
DE SUBMISSÃO:  
30 DE AGOSTO  
DE 2025

### COORDENADORXS:

DR. FABIO DE MEDINA DA SILVA GOMES (UNEMAT)

DRA. LUDMILA RODRIGUES ANTUNES (UFF)

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

30